

A IMPORTÂNCIA DO CONTO DE MIA COUTO PARA FORMAÇÃO DE LEITORES E PARA DISCUSSÃO DA DISCRIMINAÇÃO RACIAL



<https://transformando.com.br/wp-content/uploads/2020/12/iStock-1270473756-1024x684.jpg> (Acesso em 05/11/2023)

Eliane Rodrigues Alves Manuel
Vivianne Fleury de Faria

ELIANE RODRIGUES ALVES MANUEL

**A IMPORTÂNCIA DO CONTO DE MIA COUTO PARA FORMAÇÃO
DE LEITORES E PARA DISCUSSÃO DA DISCRIMINAÇÃO RACIAL**

Produto Educacional apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Ensino na Educação Básica como requisito para obtenção do título de Mestra em Ensino na Educação Básica.

Área de Concentração: Ensino na Educação Básica

Linha de Pesquisa: Concepções teórico-metodológicas e práticas docentes

Orientador(a): Professor(a) Dra. Vivianne Fleury de Faria

GOIÂNIA
2023

RESUMO

A presente ebook é um produto educacional que inclui dois contos literários, 10 sequências didáticas, e 8 textos de alunos em resposta às sequências didáticas. Este produto educacional visa auxiliar professores que buscam propiciar a formação de leitura literária de alunos da educação básica ao mesmo tempo que a formação da consciência crítica destes leitores, sobretudo quanto ao tema da discriminação e preconceito raciais. Com estes intuitos, a partir das leituras e discussão dos contos **O Embondeiro que sonhava pássaros** e **Sidney Poitier na barbearia de Feripe Beruberu**, ambos contos que compõem o livro *Cada home é uma raça*, do autor moçambicano Mia Couto, sugere-se 10 sequências didáticas que foram aplicadas em turmas de 8º e 9º anos do Ensino Fundamental II do Colégio Adventista do Jardim Europa (CAJE), em Goiânia, no ano de 2021. Ao final da pesquisa os alunos empreenderam atividades de escrita, aqui também incluídas, que demonstraram tanto um envolvimento satisfatório com os textos literários abordados quanto o discernimento da chaga da discriminação e preconceito racial representados nos contos e que têm correspondência na sociedade brasileira desde sempre, ou seja, compreende-se que os objetivos da pesquisa-ação foram atingidos e, portanto, aqui compartilha-se esta proposta de ensino de literatura.

Palavras-chave: Ensino de literatura; Discriminação e preconceito racial; Mia Couto; Gênero textual conto.

SUMÁRIO

Introdução	05
A escolha do autor Mia Couto	06
O embondeiro que sonhava pássaros	07
Sidney Poitier na barbearia de Firipe Beruberu	11
Sequência didática 1	17
Sequência didática 2	18
Sequência didática 3	19
Sequência didática 4	20
Sequência didática 5	21
Sequência didática 6	22
Sequência didática 7	23
Sequência didática 8	24
Sequência didática 9	25
Sequência didática 10	26
Produção dos alunos: Carta 01	27
Produção dos alunos: Carta 02	29
Produção dos alunos: Carta 03	31
Produção dos alunos: Carta 04	32
Produção dos alunos: Carta 05	34
Produção dos alunos: Carta 06	36
Produção dos alunos: Texto 01	38
Produção dos alunos: Texto 02	39
REFERÊNCIAS	41

Introdução

1. A importância deste produto para os professores na sala de aula

Este produto educacional consolida-se como um instrumento de grande importância para a sociedade em geral e, em especial, para os professores dos ensinos fundamentais I e II, ao levar em consideração um tema muito caro para a formação crítica e cidadã dos alunos, preparando-os para viver livres de preconceitos e da discriminação racial.

A pergunta que guiou a minha pesquisa: é possível a formação de leitor literário na educação básica por meio de leituras literárias com o gênero conto e que abordem o racismo. A pesquisa fez uso de recursos teóricos bibliográficos e de aplicação de dois questionários de pesquisa com perguntas estruturadas, fechadas, um antes e outro depois da intervenção.

A justificativa para tal pesquisa se alicerça no fato de que como ser humano, pessoa, cidadã, aluna, pesquisadora e professora, tenho percebido certa dificuldade de os professores promoverem a prática da leitura literária ainda na educação básica, principalmente no ensino fundamental II e que abordem o tema do racismo e do preconceito racial. Por essa razão, os sujeitos desta pesquisa são alunos do ensino fundamental II.

Com este intuito, a partir da leitura dos contos **O embondeiro que sonhava pássaros** e **Sidney Poitier na barbearia de Firipe Beruberu**, do autor moçambicano Mia Couto, conhecido no mundo literário devido a suas obras tratarem do tema da discriminação e do preconceito racial, preparamos um plano de ensino que promoveu o debate destes temas em sala de aula ao mesmo tempo em que aproximou o aluno do texto literário de grande valor estético.

Com efeito, a discriminação e o preconceito são atos abomináveis nas sociedades do mundo e de forma global. Assim, busca-se neste trabalho investigar se é possível fazer com que os alunos se tornem leitores literários mais conscientes e críticos por intermédio das aulas de português, na disciplina específica de literatura, absorvendo a importância da leitura literária para seus estudos e para sua vida. Vale ressaltar que este trabalho não esgota o tema, pelo contrário, espera-se que este produto enseje novas abordagens e pesquisas futuras sobre o tema.

A escolha do autor Mia Couto

O autor escolhido para a intervenção desta pesquisa, o moçambicano Mia Couto, professor, biólogo, jornalista e autor literário, coleciona uma série de prêmios e reconhecimentos por suas obras. Couto nasceu no ano de 1955, na cidade da Beira, em Moçambique, Continente Africano. A graça do estudioso em registro é Antônio Emilio Leite Couto, filho de migrantes portugueses que foram trabalhar em órgãos do governo colonizador. O autor viveu sua infância e adolescência na cidade em que nasceu, ensejo este que muito contribuiu lhe permitindo conhecer muito bem a realidade social e política do lugar, cidade e país (CABAÇO, 2009). O autor é um dos três filhos do jornalista e conhecido escritor Fernando Couto. Com relação à sua vocação e também seu gosto pela literatura e escrita, estas ele diz ter herdado de sua mãe, a Sra. Maria de Jesus, que lhe contava histórias. Na literatura de Mia Couto destacam-se os conflitos sociais existentes em Moçambique. O autor consegue conduzir o leitor a enxergar, mesmo que de modo sucinto, a partir de um olhar de quem a viveu de perto e de maneira sempre atenta, a realidade em sua conjuntura social, se assentando sobre a criatividade..

Mia Couto faz parte do grupo de escritores da geração dos anos 80 do século passado (Século XX) que buscaram destacar um olhar que não exclusivamente reverbera em sua literatura e na história de seu país, também materializa a própria produção literária, ao tratar de seu país como tema, destacando e produzindo uma forma de comunicação que permite aos outros conhecerem um pouco de seu Moçambique de origem. Nos espaços de ensino em que Mia Couto estudou pouco se encontravam a etnia negra, mas, a instauração do racismo afetando negros e brancos oriundos da colônia era muito aguda, neste caso os mestiços eram alcunhados de brancos de “segunda categoria”; o autor afirma também, que se “encaixava” nesta categoria e, por isto não foi necessário que lhe explicassem o que era colonização, ele sentia na pele o que era o colonialismo. (COUTO, 2008).

O autor Mia Couto foi escolhido por ser um autor que eu já havia lido muitas obras quando pesquisava sobre autores da literatura que escreviam sobre preconceito e discriminação racial e tratando de um gênero da literatura, assim o encontrei, achei interessante e fiquei admirada por seu trabalho literário, porquanto, entendi que é um autor completo, além de ser engajado com as causas humanas e sociais em geral, ainda mais, por tratar de um tema que considero ser de extrema relevância para a erradicação do preconceito e discriminação racial em especial aqui no Brasil que é o Preconceito Racial, como também, para ser tratado dentro do processo de formação de leitores. O trabalho em sala de aula com este autor se encontrou com meus intentos e objetivos.

Contos de Mia Couto abordados em sala de aula no processo de formação de leitores literários: O EMBONDEIRO QUE SONHAVA PÁSSAROS

Pássaros, todos os que no chão desconhecem morada.

Esse homem sempre vai ficar de sombra: nenhuma memória será bastante para lhe salvar do escuro. Em verdade, seu astro não era o Sol.

Nem seu país não era a vida. Talvez, por razão disso, ele habitasse com cautela de um estranho. O vendedor de pássaros não tinha sequer o abrigo de um nome. Chamavam-lhe o passarinho.

Todas manhãs ele passava nos bairros dos brancos carregando suas enormes gaiolas. Ele mesmo fabricava aquelas jaulas, de tão leve material que nem pareciam servir de prisão. Parecia eram gaiolas aladas, voláteis. Dentro delas, os pássaros esvoavam suas cores repentinas. À volta do vendedeiro, era uma nuvem de pios, tantos que faziam mexer as janelas:

- Mãe, olha o homem dos passarinhos!

E os meninos inundavam as ruas. As alegrias se intercambiavam: a gritaria das aves e o chilreio das crianças. O homem puxava de uma muska (Muska - nome que, em chissena, se dá à gaita-de-beiços.) e harmonicava sonâmbulas melodias. O mundo inteiro se fabulava.

Por trás das cortinas, os colonos reprovavam aqueles abusos.

Ensinavam suspeitas aos seus pequenos filhos - aquele preto quem era?

Alguém conhecia recomendações dele? Quem autorizara aqueles pés descalços a sujarem o bairro? Não, não e não. O negro que voltasse ao seu devido lugar. Contudo, os pássaros tão encantantes que são -insistiam os meninos. Os pais se agravavam: estava dito.

Mas aquela ordem pouco seria desempenhada. Mais que todos, um menino desobedecia, dedicando-se ao misterioso passarinho. Era Tiago, criança sonhadeira, sem outra habilidade senão perseguir fantasias. Despertava cedo, colava-se aos vidros, aguardando a chegada do vendedor. O homem despontava e Tiago descia a escada, trinta degraus em cinco saltos. Descalço, atravessava o bairro, desaparecendo junto com a mancha da passarada. O sol findava e o menino sem regressar. Em casa de Tiago se poliam as lástimas:

- Descalço, como eles.

O pai ambicionava o castigo. Só a brandura materna aliviava a chegada do miúdo, em plena noite. O pai reclamava nem que fosse esboço de explicação:

- Foste a casa dele? Mas esse vagabundo tem casa?

A residência dele era um embondeiro, o vago buraco do tronco.

Tiago contava: aquela era uma árvore muito sagrada, Deus a plantara de cabeça para baixo.

- Vejam só o que o preto anda a meter na cabeça desta criança.

O pai se dirigia à esposa, encomendando-lhe as culpas. O menino prosseguia: é verdade, mãe. Aquela árvore é capaz de grandes tristezas. Os mais velhos dizem que o embondeiro, em desespero, se suicida por via das chamas. Sem ninguém pôr fogo. É verdade, mãe.

- Disparate - suavizava a senhora.

E retirava o filho do alcance paterno. O homem então se decidia a sair, juntar as suas raivas com os demais colonos. No clube, eles todos se aclamavam: era preciso acabar com as visitas do passarinho. Que a medida não podia ser de morte matada, nem coisa que ofendesse a

vista das senhoras e seus filhos. O remédio, enfim, se haveria de pensar.

No dia seguinte, o vendedor repetiu a sua alegre invasão. Afinal, os colonos ainda que hesitaram: aquele negro trazia aves de belezas

jamais vistas. Ninguém podia resistir às suas cores, seus chilreios. Nem aquilo parecia coisa deste verídico mundo. O vendedor se anonimava, em humilde desaparecimento de si:

- Esses são pássaros muito excelentes, desses com as asas todas de fora.

Os portugueses se interrogavam: onde desencantava ele tão maravilhosas criaturas? onde, se eles tinham já desbravado os mais extensos matos?

O vendedor se segredava, respondendo um riso. Os senhores recebiam as suas próprias suspeições - teria aquele negro direito a ingressar num mundo onde eles careciam de acesso? Mas logo se aprontavam a diminuir-lhe os méritos: o tipo dormia nas árvores, em plena passarada. Eles se igualam aos bichos silvestres, concluía.

Fosse por desdenho dos grandes ou por glória dos pequenos, a verdade é que, aos poucos, o passarinho foi virando assunto no bairro do cimento. Sua presença foi enchendo durações, insuspeitos vazios. Conforme dele se comprava, as casas mais se repletavam de doces cantos. Aquela música se estranhava nos moradores, mostrando que aquele bairro não pertencia àquela terra. Afinal, os pássaros desautenticavam os residentes, estrangeirando-lhes? Ou culpado seria aquele negro, sacana, que se arrogava a existir, ignorante dos seus deveres de raça? O comerciante devia saber que seus passos descalços não cabiam naquelas ruas. Os brancos se inquietavam com aquela desobediência, acusando o tempo. Sentiam ciúmes do passado, a arrumação das criaturas pela sua aparência. O vendedor, assim sobremissos, adiantava o mundo de outras compreensões. Até os meninos, por graça de sua sedução, se esqueciam do comportamento.

Eles se tornavam mais filhos da rua que da casa. O passarinho se adentrara mesmo nos devaneios deles:

- Faz conta eu sou vosso tio.

As crianças emigravam de sua condição, desdobrando-se em outras felizes existências. E todos se familiavam, parentes aparentes.

- Tio? Já se viu chamar de tio a um preto?

Os pais lhes queriam fechar o sonho, sua pequena e infinita alma.

Surgiu o mando: a rua vos está proibida, vocês não saem mais.

Correram-se as cortinas, as casas fecharam suas pálpebras.

Parecia a ordem já governava. Foi quando surgiram as ocorrências.

Portas e janelas se abriam sozinhas, móveis apareciam revirados, gavetas trocadas.

Em casa dos Silvas:

- Quem abriu este armário?

Ninguém, ninguém não tinha sido. O Silva maior se indignava: todos, na casa, sabiam que naquele móvel se guardavam as armas. Sem vestígios de força quem podia ser o arrombista? Dúvida do indignatário.

Em casa dos Peixotos:

- Quem espalhou alpista na gaveta dos documentos?

O qual, ninguém, nenhum, nada. O Peixoto máximo advertia: vocês muito bem sabem que tipo de documentos tenho aí guardados.

Invocava suas secretas funções, seus sigilosos assuntos. O alpisteiro que se denunciasse. Merda da passarada, resmungava.

No lar do presidente do município:

- Quem abriu a porta dos pássaros?

Ninguém abria. O governante, em desgoverno de si: ele tinha surpreendido uma ave dentro do armário. Os sérios requerimentos municipais cheios de caganitas.

- Vejam este: cagado mesmo na estampilha oficial.

No somado das ocorrências, um geral alvoroço se instalou no bairro. Os colonos se reuniram para labutar em decisão. Se juntaram em casa do pai de Tiago. O menino iludiu a cama, ficou na porta escutando as graves ameaças. Nem esperou escutar a sentença. Lançou-se pelo mato, rumo ao embondeiro. O velho lá estava ajeitando-se no calor de uma fogueira.

- Eles vem aí, vêm-te buscar.

Tiago ofegava. O vendedor não se desordenou: que já sabia, estava à espera. O menino se esforçava, nunca aquele homem lhe tivera tanto valor.

- Foge, ainda dá tempo.

Mas o vendedor se confortava, em sonolentidão. Sereno, entrou no tronco e ali se adormeceu. Quando saiu já vinha gravatado, de fato mesungueiro (Mesungueiro - de “mesungo”, homem branco). De novo, se sentou, limpando as areias por baixo. Depois, ficou varandeando, retocando o horizonte.

- Vai, menino. É noite.

Tiago deixou-se. Espreitava o passarinho, aguardando o seu gesto. Ao menos, o velho fosse como o rio: parado mas movente.

Enquanto não. O vendedeiro se guardava mais em lenda que em realidade.

E porquê vestiste o fato?

Explicou: ele é que era natural, rebento daquela terra.

Devia de saber receber os visitantes. Lhe competia o respeito, deveres de anfitrião.

- Agora, você vai, volta na sua casa.

Tiago levantou-se, difícil de partir. Olhou a enorme árvore, conforme lhe pedisse protecção.

- Está a ver a flor? - perguntou o velho.

E lembrou a lenda. Aquela flor era moradia dos espíritos. Quem que fizesse mal ao embondeiro seria perseguido até ao fim da vida.

Barulhosos, os colonos foram chegando. Cercaram o lugar. O miúdo fugiu, escondeu-se, ficou à espreita. Ele viu o passarinho levantar-se, saudando os visitantes. Logo procederam pancadas, chambocos, pontapés. O velho parecia nem sofrer, vegetal, não fora o sangue.

Amarram-lhe os pulsos, empurraram-lhe no caminho escuro. Os colonos foram atrás deixando o menino sozinho com a noite. A criança se hesitava, passo atrás, passo adiante. Então, foi então: as flores do embondeiro tombaram, pareciam astros de feltro. No chão, suas brancas pétalas, uma a uma, se avermelharam.

O menino, de pronto, se decidiu. Lançou-se nos matos, no encalço da comitiva. Ele seguia as vozes, se entendendo que levavam o passarinho para o calabouço. Quando se ensombrou por trás do muro, no próximo da prisão, Tiago sufocava. Valia a pena rezar?

Se, em volta, o mundo se despojara das belezas. E, no céu, tal igual o embondeiro, já nenhuma estrela envaidecia.

A voz do passarinho lhe chegava, vinda de além-grades. Agora, podia ver o rosto de seu amigo, o quanto sangue lhe cobria.

Interroguem o gajo, espremam-no bem. Era ordem dos colonos, antes de se retirarem. O guarda continenciou-se, obediente. Mas nem ele sabia que segredos devia arrancar do velho. Que raivas se comprovavam contra o vendedor ambulante? Agora, sozinho, o retrato do detido lhe parecia isento de suspeita.

- Peço licença de tocar. É uma música da sua terra, patrão. O passarinho ajeitou a harmónica, tentou soprar. Mas recuou da intenção com um esgar.

- Me bateram muito-muito na boca. É muita pena, senão havia de tocar.

O polícia lhe desconfiou. A gaita-de-beiços foi lançada pela janela, caindo junto do esconderijo de Tiago. Ele apanhou o instrumento,

juntou seus bocados. Aqueles pedaços lhe pareciam sua alma, carecida de mão que lhe fizesse inteira. O menino se enroscou, aquecido em sua própria redondura. Enquanto embarcava no sono levou a muska à boca e tocou como se fizesse o seu embalo. Dentro, quem sabe, o passarinho escutasse aquele conforto?

Acordou num chilreio. Os pássaros! Mais de infinitos, cobriam toda a esquadra. Nem o mundo, em seu universal tamanho, era suficiente poleiro. Tiago se acercou da cela, vigiou o calabouço. As portas estavam abertas, a prisão deserta. O vendedor não deixara nem rasto, o lugar restava amnésico. Gritou pelo velho, responderam os pássaros.

Decidiu voltar à árvore. Outro paradeiro para ele já não existia.

Nem rua nem casa: só o ventre do embondeiro. Enquanto caminhava, as aves lhe seguiam, em cortejo de piação, por cima do céu. Chegou à residência do passarinho, olhou o chão coberto de pétalas. Já vermelhas não estavam, regressadas ao branco originário. Entrou no tronco, guardou-se na distância de um tempo. Valia a pena esperar pelo velho? No certo, ele se esfumara, fugido dos brancos. No entanto, ele voltou a soprar na muska. Foi-se embalando no ritmo, deixando de escutar o mundo lá fora. Se guardasse a devida atenção, ele teria notado a chegada das muitas vozes.

- O sacana do preto está dentro da árvore.

Os passos da vingança cercavam o embondeiro, pisando as flores.

- É o gajo mais a gaita. Toca, cabrão, que já danças!

As tochas se chegaram ao tronco, o fogo namorou as velhas cascas.

Dentro, o menino desatara um sonho: seus cabelos se figuravam pequenitas folhas, pernas e braços se madeiravam. Os dedos, lenhosos, minhocavam a terra. O menino transitava de reino: arvorejado, em estado de consentida impossibilidade. E do sonâmbulo embondeiro subiam as mãos do passarinho. Tocavam as flores, as corolas se envolviam: nasciam espantosos pássaros e soltavam-se, petalados, sobre a crista das chamas. As chamas? De onde chegavam elas, excedendo a lonjura do sonho? Foi quando Tiago sentiu a ferida das labaredas, a sedução da cinza. Então, o menino, aprendiz da seiva, se emigrou inteiro para suas recentes raízes.

Contos de Mia Couto abordados em sala de aula no processo de formação de leitores literários: SIDNEY POITIER NA BARBEARIA DE FIRIPE BERUBERU

Império: em pé, rio a bandeiras despregadas

A barbearia do Firipe Beruberu ficava debaixo da grande árvore, no bazar do Maquinino. O tecto era a sombra da maçanqueira (Maçanqueira - árvore da maçanica, cujo fruto é vulgarmente designado por maçã-da-índia.). Paredes não havia: assim ventava mais fresco na cadeira onde Firipe sentava os clientes. Uma tabuleta no tronco mostrava o custo dos serviços. Estava escrito: “cada cabeça 7\$50”. Com o crescer da vida, Firipe emendou a inscrição: “cada cabeçada 20\$00”.

Na velha madeira balançava um espelho e, ao lado, amarelecia um cartaz de Elvis Presley. Sobre um caixote, junto ao banco das esperas, sacudia-se um rádio ao sabor do chimandjemandje (Chimandjemandje -ritmo musical, dança. (3) Bula-bula - conversa fiada.).

O Firipe capinava as cabeças em voz alta. Conversa de barbeiro, isto-aquilo. Contudo, ele não gostava que a bula-bula (3) amolecasse os fregueses. Quando alguém adormecia na cadeira, o Beruberu aplicava uma taxa no preço final. Até na tabuleta, em baixo dos escritos, acrescentou: “Cabeçada com dormida - mais 5 escudos”.

Mas na sombra generosa da maçanqueira não havia zanga. O barbeiro distribuía boas disposições, dáka maus (Dákámaus - apertos de mão.). Quem passeasse seus ouvidos por ali só ouvia conversa sorridente. Propaganda do serviço, Firipe não demorava:

- Estou-vos a dizer: sou mestre dos barbeiros, eu. Podem andar aí, em toda a volta, procurar nos bairros: todos vão dizer que Firipe Beruberu é o maior.

Alguns clientes toleravam, pacientes. Mas outros lhe provocavam, fingindo contrariar:

- Boa propaganda, mesire (Mesire - tratamento de respeito. (3)

Mezungo - branco, senhor.) Firipe.

- Chii, propaganda? Realidade! Se até cabelo fino de branco já cortei.

O quê? Não diga que um branco já chegou nessa barbaria...

- Eu não disse que chegou aqui um branco. Disse que cortei cabelo dele. E cortei, palavra da minha honra.

- Explique lá, ó Firipe. Se o branco não chegou até aqui como é que lhe cortou?

- É que fui chamado lá na casa dele. Cortei dele, cortei dos filhos também. Razão que eles tinham vergonha de sentar aqui, nessa cadeira.

Só mais nada.

- Desculpa, mesire. Mas esse não era branco-mezungo. Era um xikaka (Xikaka - colono, português de categoria social dita inferior.).

Firipe fazia cantar a tesoura enquanto a mão esquerda puxava da carteira.

- Uáá! Vocês? Sempre duvidam, desconfiam. Já mostro prova da verdade. Espera aí, onde é que...? Ah, está aqui.

Com mil cuidados desembrulhava um postal colorido de Sidney Poitier.

- Olhem essa foto. Estão a ver esse gajo? Apreciam o cabelo dele: foi cortado aqui, com essas minhas mãos. Tesourei-lhe sem saber qual era a importância do tipo. Só vi que falava inglês.

Os fregueses faziam crescer as suas dúvidas. Firipe respondia: - Estou-vos a dizer: esse gajo trouxe a cabeça dele desde lááá, da América até aqui na minha barbaria...

Enquanto falava ia olhando para a copa da árvore. Espreitava cautelas para se desviar dos frutos que caíam.

- Merda dessas maçanicas! Só me suja a barbaria. Depois estão sempre aí os miúdos, tentarem apanhar essas maçã-da-índia. Se vejo aqui um, desfaço-lhe com pontapés.

- Então, mesire Firipe? Não gosta as crianças?

- O quê? Se ainda outro dia um muana (Custumunha - testemunha) trouxe uma fiska e apontou a porcaria da árvore, objectivo de abater maçanica. A pedra chocou-se nas folha, mbááá, caiu na cabeça do cliente. Resultado: em vez desse cliente cortar cabelo aqui, foi rapado lá no posto de socorro.

Mudava cliente, repetia a conversa. Do bolso do mestre Firipe saía o velho postal do actor americano a dar verdade às suas glórias. Porém, o 77mais dificultoso era o Baba Afonso, um gordo de coração muito penteado que demorava a arrastar as partes traseiras. Afonso duvidava:

- Esse homem esteve aqui? Desculpa, mesire. Não acredito nem tão pouco.

O barbeiro indignado, assentava as mãos nas ancas:

- Não acredita? Se ele sentou nessa cadeira onde você está.

- Mas um homem rico como aquele, estrangeiro ainda para mais, havia de ir no salão dos brancos. Não sentava aqui, mesire. Nunca!

O barbeiro fingia-se ofendido. A sua palavra não podia ser posta em dúvida. Ele então usava o seu derradeiro recurso:

- Tem dúvida? Então vou apresentar testemunha. Vocês vão ver, esperem lá.

E saía, deixando os clientes na expectativa. O Afonso era calgado pelos restantes.

- Baba Afonso, não fique sério. Essa discussão é uma brincadeira, só mais nada.

- Não gosto que falem mentiras.

- Mas isso nem mentira não é. É propaganda. Faz conta a gente acredita, pronto.

- Para mim é mentira - repetia o gordo Afonso.

- Está certo, Baba. Mas é mentira que não aleija ninguém.

O barbeiro não tinha ido longe. Afastara-se apenas uns tantos passos para conferenciar com um velho vendedor de folha de tabaco.

Regressavam os dois, o Firipe e o velho:

- Está aqui o velho Jaimão. Virando-se para o vendedor, Firipe ordenava: - Fala lá você, ó Jaimão.

O velho tossia toda a rouquidão antes de confirmar.

- Sim. Na realmente, vi o homem da foto. Foi cortado o cabelo dele aqui. Sou costumunha choviam as perguntas dos clientes:

- Mas você chegou a ouvir esse estrangeiro? Falava qual língua?

- Shingrese (Shingrese - inglês.).

- E pagou com qual dinheiro?

- Com kóbiri (Kóbiri - moeda (adulteração do termo "cobre").).

- Mas qual, escudo?

- Não. Era dinheiro de fora.

O barbeiro satisfazia-se, peito em proa. De vez em quando, Jaimão ultrapassava o combinado e arriscava suas iniciativas:

- Depois, esse homem foi no bazar comprar coisas.

- Que coisas?

- Sabola (Sabola - cebola.), raranja (Raranja - laranja), sabau (Sabau - sabão.). Comprou fódia (Fódia - folha de tabaco), também.

O Baba Afonso saltava da cadeira, apontando com sua mão gorda:

- Agora é que te apanhei: um homem desses não compra fódia. É história isso. Um tipo dessa categoria fuma tabaco de filtro. Jaimão, você só está a contar mentira, canganhiça (Canganhiça - vigarice.), só mais nada.

O Jaimão admirava-se com a súbita teima. Olhava, receoso, o barbeiro e ainda tentava um último argumento:

- Uááá (Uááá - interjeição de espanto.), não é mentira. Até me lembro: foi um sabudu.

Depois, eram risos. Porque aquela não era batalha séria, a razão daquela dúvida era pouco mais que brincadeira.

O Firiipe fingia-se amuado e aconselhava os duvidantes que escolhessem outra barbearia.

- Pronto, não precisa zangar, nós acreditamos, aceitamos sua testemunha.

E até o Baba Afonso se rendia, prolongando o jogo:

- Com certeza até esse cantor, o Elvis Presley, também esteve aqui no Ma quinino, cortar cabelo...

Mas o Firiipe Beruberu não trabalhava sozinho. Gaspar Vivito, um rapaz todo aleijado, ajudava nas limpezas. Varria as areias com cuidado para não poeirar. Sacudia, longe, os panos.

Firiipe Beruberu sempre ordenava precauções com os cabelos cortados.

- Enterra-lhes bem no fundo, Vivito. Não quero brincadeiras com o n' uantché-cuta.

Referia-se a um passarinho que rouba cabelos de gente para fabricar o ninho. Diz a lenda que, na cabeça do proprietário lesado, já não volta a crescer mais nem um pêlo. Firiipe via no desleixo de Gaspar Vivito a causa de todas as baixas na clientela.

No entanto, muito não se podia pedir ao ajudante. Porque ele, completo, se anormalizara: as pernas bambas, marrabentavam (Marrabentar - verbo constituído a partir do termo “marrabenta”, dança do Sul de Moçambique, em que as pernas executam constantes bamboleios.) a toda a hora. A cabeça pequenita coxeava sobre os ombros. Babava-se nas palavras, salivando nas vogais, cuspidando nas consoantes. E tropeçava quando tentava espantar as crianças que apanhavam maçãzinhas-da-índia.

Ao fim da tarde, quando já restava só um cliente, Firiipe ordenava a Vivito que arrumasse as coisas. Essa era a hora que chegavam as reclamações. Se o Vivito não tinha jeito de ser gente, o Firiipe se aplicava mais nas piadas que nas artes de barbeirar.

- Desculpe, mesire. Meu primo Salomão me mandou vir apresentar queixa da maneira como foi cortado o cabelo dele.

- Como foi cortado?

- É que não sobrou nem um pêlo, ficou completamente depenado. A cabeça dele está descalça, até brilha como se fosse um espelho.

- E não foi ele que pediu assim?

- Não. Ele agora até tem vergonha de sair. Foi por isso me mandou a mim reclamar.

O barbeiro recebia a queixa de bom humor. Fazia soar a tesoura enquanto falava:

- Olha pá: diz lá ele para deixar ficar assim. Careca, poupa nos pentes. Depois, se cortei de mais é saguate (Saguate - gorjeta.).

Rodava em volta da cadeira, afastava-se para apreciar os seus talentos.

- Vá, vaza a cadeira, já terminou. Mas é melhor olhar-se bem no espelho, senão depois ainda manda o primo reclamar.

O barbeiro sacudia a toalha, espalhando cabelos. Invariavelmente, o cliente juntava os seus protestos ao queixoso.

- Mas, mesire, o senhor me cortou quase tudo na frente. Já viu minha testa até onde vai?

- Uáá, isso na testa nem mexi. Fala com seu pai, sua mãe, se quer reclamar da forma da sua cabeça. Eu não tenho nenhuma culpa.

Os queixosos juntavam-se, lamentando a dupla carequice. Era o momento para o barbeiro filosofar sobre as desgraças capilares:

- Sabem o que faz uma pessoa ficar careca? É usar chapéu do outro.

É isso que faz uma pessoa ficar careca. Eu, por exemplo, nem camisa que não conheço de onde vem, não uso. Quanto mais calças. Olha, meu cunhado comprou cueca em segunda mão, veja lá...

- Mas, mesire, não posso pagar esse corte.

- Nem precisa pagar. E tu, diz lá ao teu primo Salomão, para passar aqui amanhã: vou devolver matambira (Matambira - dinheiro.).

Dinheiro, dinheiro... era assim: cliente descontente ganhava direito de não pagar. O Beruberu só cobrava satisfações. De manhã até ao anoitecer, o cansaço já lhe pesava nas pernas.

- Charra, desde manhã: tinc-tinc-tinc. Já é de mais! Viver custa, Gaspar Vivito.

E sentavam os dois. O mestre na cadeira, o ajudante no chão. Era o poente de mesire, hora de meditar suas tristezas.

- Vivito? Desconfio que você não anda a enterrar bem os cabelos.

Parece que o passarinho n'uantché-cutá me está a roubar cliente.

O rapazito respondia só uns sons engasgados, defendia-se numa língua que era só dele.

- Cala-te, Vivito. Vê lá se fizemos muitos dinheiros.

Vivito agitava a caixa de madeira e dentro tilintavam as moedinhas.

O riso espalhava-se no rosto de ambos.

- Como cantam bem! Esta minha loja vai crescer, palavra da minha honra. Até estou a pensar montar um telefone aqui. Pode ser no futuro vou fechar ao público. Hein, Vivito? Dedicarmos só serviço de encomendas. Está ouvir, Vivito?

O ajudante espreitava o patrão que se levantara. Firipe discursava em redor da cadeira, gozando os futuros. Depois o barbeiro encarava o aleijado e era como o seu sonho quebrasse as asas e tombasse naquela areia escura.

- Vivito: você agora devia perguntar: mas fechar como, se este lugar nem tem parede? Era assim que você devia falar, ó Gaspar Vivito.

Mas não era acusação, a sua voz estava deitada por terra. E ele se aproximava de Vivito e deixava a sua mão suspirar sobre a cabeça bamboleante do rapaz.

- Estou ver que você precisa cortar esse seu cabelo. Mas você não pára com a cabeça quieta, sempre quetequê-quetequê.

Aos custos, Gaspar lá subia para a cadeira e ajeitava o pano à volta do pescoço. O moço, aflito, apontava a escuridão à volta.

- Ainda dá tempo de apanhar umas tesouradas. Agora vê se fica quietíssimo, para despacharmos.

E os dois se retratavam, debaixo da grande árvore. Todas as sombras já tinham morrido àquela hora. Os morcegos riscavam o céu com seus gritos.

Era aquele o momento em que a vendedeira Rosinha passava por ali, de regresso a casa. Ela surgia e o barbeiro ficava suspenso, todo ele no olhar ansioso.

- Viu aquela mulher, Vivito? Bonita, bonita até de mais. Costuma passar aqui, a essas horas. Às vezes penso se estas demoras não faço de propósito: arrastar o tempo até o momento dela passar.

Só então o mesire se confessava triste, um outro Firipe surgia. Mas ele se confessava a ninguém: o Vivito calado, será que entendia a tristeza do barbeiro?

- É, Vivito, estou cansado de viver sozinho. Faz tempo a minha mulher me abandonou. Sacana de gaja, deixou-me com outro. Mas esta profissão de barbeiro, também. Um gajo está aqui amarrado, nem pode sair dar uma espreitadela lá em casa, controlar a situação. Resultado é este.

Ele então disfarçava a sua raiva. Subtraía da gente aquele peso e somava nos bichos. Apedrejava os ramos, tentando bater nos morcegos.

- Porcaria de bichos! Não vêem que isto é minha barbaria? Isto tem dono, propriedade de mestre Firipe Beruberu.

E corriam os dois atrás de imaginários inimigos. Acabavam por se tropeçarem, sem jeito para se zangarem. E cansados, ofegavam um ligeiro riso, como se perdoassem ao mundo aquela ofensa.

Foi num dia. A barbearia continuava seu sonolento serviço e essa manhã, como todas as outras, se sucediam as doces conversas. O Firipe explicava a tabuleta avisando a taxa de dormida.

- Só paga os que adormecem na cadeira. Acontece muito-muito com esse gordo, o Baba (Baba - senhor, pai, forma de tratamento que se reserva aos mais velhos.) Afonso. Começo a pôr toalha e logo ele começa a soncar. Não gosto disso, eu. Não sou mulher de ninguém para adormecer cabeças. Isto é barbaria séria...

Foi então que apareceram dois estranhos. Só um entrou na sombra.

Era um mulato, quase branco. As conversas desmaiaram ao peso do medo. O mulato se dirigiu ao barbeiro e ordenou que mostrasse os documentos.

- Porquê, os documentos? Eu, Firipe Beruberu, sou duvidado?

Um dos clientes aproximou-se de Firipe e segredou-lhe:

- Firipe, é melhor você obedecer. Esse homem é o Pide.

O barbeiro baixou-se sobre o caixote e retirou os documentos:

- Estão aqui os meus plásticos homem passou em revista a carteira.

Depois, amarrotou-a e atirou-a para o chão.

- Falta uma coisa nesta carteira, ó barbeiro.

- Falta alguma coisa, como? Se todos os documentos já entreguei.

- Onde está a fotografia do estrangeiro? - Estrangeiro?

- Sim, desse estrangeiro que você recebeu aqui na barbearia.

O Firipe duvida primeiro, depois sorri. Entendera a confusão e prontos-ficava-se a explicar:

- Mas senhor agente, isso do estrangeiro é história que inventei, brinca-deira... mulato empurra-o, fazendo-lhe calar.

- Brincadeira, vamos ver. Nós sabemos muito bem que vêm subversivos da Tanzânia, da Zâmbia, de onde. Turras! Deve ser um desses que recebeste aqui.

- Mas receber, como? Eu não recebo ninguém, não mexo com política.

O agente vai inspeccionando o lugar, desouvindo. Pára em frente da tabuleta e soletra em surdina:

- Não recebes? Então explica lá o que é isto aqui: "Cabeçada com dormida: mais 5 escudos". Explica lá o que é essa dormida...

- Isso é só por causa de alguns clientes que dormecem na cadeira.

O polícia já cresce na sua fúria.

- Dá-me a foto.

O barbeiro retira o postal do bolso. O polícia interrompe o gesto, arrancando-lhe a fotografia com tal força que a rasga.

- Este aqui também adormeceu na cadeira, hein?

- Mas esse nunca esteve aqui, juro. Fé-de-Cristo (Fé-de-Cristo – forma de juramento.), senhor agente. Essa foto é do artista do cinema. Nunca viu nos filmes, desses dos americanos?

- Americanos, então? Está visto. Deve ser companheiro do outro, o tal Mondlane que veio da América. Então este também veio de lá?

- Mas esse não veio de nenhuma parte. Isso tudo é mentira, propaganda.

- Propaganda? Então deves ser tu o responsável da propaganda da organização...

O agente sacode o barbeiro pela bata, os botões caem. Vivito tenta apanhá-los mas o mulato dá-lhe um pontapé.

- Para trás, sacana. Ainda vai é tudo preso.

O mulato chama o outro agente e fala-lhe ao ouvido. O outro parte pelo atalho e regressa, minutos depois, trazendo o velho Jaimão.

- Já interrogámos este velho. Ele confirma que recebeste aqui o tal americano da fotografia.

Firipe, de sorriso frouxo, quase nem tem força para se explicar.

- Vê, senhor agente? Outra confusão. Eu que paguei ao Jaimão para ele servir de testemunha da minha mentira. Jaimão está combinado comigo.

- Está combinado, está.

- O Jaimão diz lá: não foi uma maneira que combinámos?

O pobre velho, desentendido, rodava dentro do seu casaco esfarrapado.

- Sim. Na realmente eu vi o cujo homem. Estava aqui, nesse cadeira.

O agente empurrou o velho, amarrando os seus braços aos do barbeiro. Olhou em volta, com vistas de abutre magro. Enfrentava a pequena multidão que assistia a tudo silenciosamente. Deu um pontapé na cadeira, partiu o espelho, rasgou o cartaz. Foi então que Vivito se meteu, gritando. O aleijado segurou o braço do mulato mas cedo se desequilibrou, caindo de joelhos.

- E este quem é? Que língua é que ele fala? Também é estrangeiro?

- Esse rapaz é meu ajudante.

- Ajudante? Então também vai dentro. Pronto, vamos embora! Tu, o velho e este macaco dançarino, tudo a andar à minha frente.

- Mas o Vivito...

- Cala-te barbeiro, já acabou o tempo das conversas. Vais ver que, lá na prisão, há um barbeiro especial para te cortar o cabelo a ti e aos teus amiguinhos.

E, perante o espanto do bazar inteiro, Firipe Beruberu, vestido de sua imaculada bata, tesoura e pente no bolso esquerdo, seguiu o último caminho na areia do Maquinino. Atrás, com sua antiga dignidade, o velho Jaimão. Seguia-se-lhe o Vivito de passo bêbado. Fechando o cortejo, vinham os dois agentes, vaidosos da sua caçada. Calaram-se então os pequenos milandos (Milandos - brigas, discussões.) do quanto custa, o mercado rendeu-se à mais funda melancolia.

Na semana seguinte, vieram dois cipaios. Arrancaram a tabuleta da barbearia. Mas, olhando o lugar, eles muito se admiraram: ninguém tinha tocado em nenhuma coisa. Ferramentas, toalhas, o rádio e até a caixa de trocos continuavam como foram deixados, à espera do regresso de Firipe Beruberu, mestre dos barbeiros do Maquinino.

SEQUÊNCIA DIDÁTICA 1

INSTITUIÇÃO: Colégio Adventista Jardim Europa104

DISCIPLINA: Português - Literatura

DATA: 10/2022

TEMA: Apresentação do Projeto

OBJETIVO: Orientar os alunos quanto a forma de aulas e de atividades.

CONTEÚDO: O 1º questionário e aplicação do mesmo para servir de parâmetro empírico e comparativo com o elaborado por mim para as aulas fundamentadas no processo de Formação de Leitores e Mediação literária

PÚBLICO ALVO: Alunos das turmas do 8º e 9º ano da disciplina de Português/literatura. Todas as aulas, salas de aula e turmas distintas uma da outra.

NÚMERO DE ALUNOS: 37 alunos da turma do 8º ano e 32 alunos na turma do 9ºano.

TEMPO DE AULA: 50 minutos cada aula, sendo 2 aulas seguidas.

MATERIAIS: Apresentação do livro do autor Mia Couto “Cada homem é uma raça”para, sabermos de qual obra do autor Mia Couto extrairíamos os contos utilizados nas aulas. Os contos trabalhados foram: O embomdeiro que sonhava pássaros, e, Sidney Potierna barbearia de FeripeBeruberu.

DESENVOLVIMENTO

Nesta primeira aula me apresentei como aluna do mestrado do Programa de Pós-graduação em Ensino na Educação Básica da Universidade Federal de Goiás (PPGEEB / UFG) e, como professora de língua portuguesa da Secretaria de Estado da Educação do Estado de Goiás, falei também, de minha vida como aluna, negra e pesquisadora, ou seja, pontuei para os alunos que a vida apresenta sentidos e significados para todos nós, que só depende da forma como cada um de nós vê, percebe e reflete em determinadas situações, que no decorrer de toda minha existência, vivendo em sociedade, estudando em escolas de ensino básico e depois na graduação na UFG, também percebi e já fui discriminada por ter a pele negra e traços físicos também.

AVALIAÇÕES: Estas foram realizadas por meio de discussão, debates com a participação de todos os alunos desde que até a 10ª aula cada um fizesse uma atividade que era a escrita de cartas ao autor Mia Couto;

DATA: 10/2022

SEQUÊNCIA DIDÁTICA 2

INSTITUIÇÃO: Colégio Adventista Jardim Europa

DISCIPLINA: Português/Literatura

DATA: 10/2022 :

TEMA: A importância da leitura literária

OBJETIVO: Iniciar o processo de formação de leitores falando e explicando aos Alunos a respeito da importância da língua portuguesa, da literatura e da leitura literária por meio de várias leituras mostrei que tudo pode ser leitura, mas, que a leitura literária se diferencia e comecei a ensinar como se pode perceber estas diferenças, em seguida expliquei de forma breve que os textos podem possuir gêneros e estilos distintos, e, que no nosso caso iríamos trabalhar com o gênero textual conto.

CONTEÚDO: Levei textos que falavam sobre a importância da leitura literária.

PÚBLICO ALVO: Alunos das turmas do 8º e 9º ano da disciplina de Português / literatura. Aulas em salas de aulas distintas uma da outra.

NÚMERO DE ALUNOS: 37 alunos da turma do 8º ano e 32 alunos na turma do 9º ano.

TEMPO DE AULA: 50 minutos cada aula, sendo 2 aulas seguidas.

MATERIAIS: li pausadamente os textos para eles.

DESENVOLVIMENTO:

Perguntei aos alunos se todos entenderam de verdade, se eu poderia fazer perguntas a eles sobre o que li, disseram que sim, então fiz algumas perguntas, responderam e eu fechei emitindo uma conclusão com avaliação positiva da participação de todos. Esta aula foi realizada por meio de discussão, debates com a participação de todos os alunos

DATA: 10/2022

SEQUÊNCIA DIDÁTICA 3

INSTITUIÇÃO: Colégio Adventista Jardim Europa

DISCIPLINA: Português/Literatura

DATA: 10/2022

TEMA: A importância da mediação literária

OBJETIVO: Explicar aos alunos por meio da leitura literária que podemos aprender muito mais, se estivermos no caminho certo, que não nascemos sabendo de tudo, que somos ensinados pela própria natureza, por nossos pais e/ou responsáveis, a vida, a sociedade e os acontecimentos, que estes também nos ensinam, mas, que no caso da leitura e, em especial da leitura literária é muito importante termos uma mediação literária, que esta arte é desenvolvida e conduzida por um profissional capacitado e habilitado para nos mostrar e nos conduzir ao melhor caminho para entendermos e darmos sentido ao nosso próprio entendimento da leitura literária, que a partir do momento em que aprendermos como se lê, interpreta e imprimimos sentidos a literatura aí sim, dali em diante o nosso compromisso com a leitura literária será por nossa própria conta, dedicação, estudo e interpretação, portanto, a mediação literária é um dos grandes recursos do processo de Formação de Leitores.

CONTEÚDO: Partes da história de vida do autor Mia Couto e de dois de seus contos, “O embondeiro que sonhava pássaros” e, Sidney Potier na barbearia de Feripe Beruberu para darem sentido à explicação da mediação literária

PÚBLICO ALVO: Alunos das turmas do 8º e 9º ano da disciplina de Português / literatura. Aulas em salas de aulas distintas uma da outra.

NÚMERO DE ALUNOS: 37 alunos da turma do 8º ano e 32 alunos na turma do 9ºano.

TEMPO DE AULA: 50 min cada aula, sendo 2 aulas seguidas.

MATERIAIS: Textos sobre um resumo de história de vida do autor Mia Couto e dois de seus contos “O embondeiro que sonhava pássaros” e “Sidney Potier na barbearia de Feripe Beruberu”.

DESENVOLVIMENTO

Nesta parte o trabalho e estudo se voltaram para a leitura individual de cada aluno e em seguida a participação de todos, mas, de forma individual dizendo as partes dos textos que não entenderão ou que não entenderam muito bem, em seguida expliquei a melhor forma de dedicarmos nossa atenção à leitura e percebendo os sentidos de cada palavra, como as frases são formadas e como uma palavra unida a outra pode dar sentido e mudar o sentido do texto.

AVALIAÇÕES:

DATA: 10/2022

SEQUÊNCIA DIDÁTICA 4**INSTITUIÇÃO:** Colégio Adventista Jardim Europa**DISCIPLINA:** Português/Literatura**DATA:** 10/2022**TEMA:** O Gênero textual conto**OBJETIVO:** A partir da leitura do conto “O embondeiro que sonhava pássaros” mostrar e explicar as características necessárias para que um texto possa ser considerado um conto.**CONTEÚDO:** Indicação e explicação das características necessárias do texto de gênero literário conto.**PÚBLICO ALVO:** Alunos das turmas do 8º e 9º ano da disciplina de Português/literatura. Aulas em salas de aulas distintas uma da outra.**NÚMERO DE ALUNOS:** 37 alunos da turma do 8º ano e 32 alunos na turma do 9º ano.**TEMPO DE AULA:** 50 min cada aula, sendo 2 aulas seguidas.**MATERIAIS:** Um dos contos de Mia Couto de título “O embondeiro que sonhava pássaros”**DESENVOLVIMENTO**

A partir da leitura mostrar assinalando as partes necessárias para que um texto literário possa ser caracterizado como texto do gênero conto.

AVALIAÇÕES: As avaliações foram realizadas através da estimulação e da participação.**DATA:** 10/2022

SEQUÊNCIA DIDÁTICA 5

INSTITUIÇÃO: Colégio Adventista Jardim Europa

DISCIPLINA: Português/Literatura

DATA :

TEMA: Aula sobre neologismo

OBJETIVO: Apresentar o neologismo e a importância em se perceber e entender seu sentido e seu significado dentro do texto, da frase e das orações nos textos de leitura literária a partir da mediação.

CONTEÚDO: O neologismo e os sentidos das palavras dentro dos contos sobre discriminação e preconceito racial.

PÚBLICO ALVO: Alunos das turmas do 8º e 9º ano da disciplina de Português/literatura. Aulas em salas de aulas distintas uma da outra.

NÚMERO DE ALUNOS: 37 alunos da turma do 8º ano e 32 alunos na turma do 9ºano.

TEMPO DE AULA: 50 min cada aula, sendo 2 aulas seguidas.

MATERIAIS:

DESENVOLVIMENTO

Enquanto professora li uma parte do conto “O embondeiro que sonhava pássaros” e comecei a indaga-los sobre os vários sentidos que cada um pudesse dar à mesma palavra, frase e oração, em seguida relacionar com acontecimentos mostrados na televisão em propagandas, novelas, filmes e programas de entretenimento como, por exemplo, O big Brother Brasil e apresentarem individualmente de um em um nasala por meio de palavras.

AVALIAÇÕES: As avaliações forão realizadas atraves da estimulação e da participação.

DATA: 10/2022

SEQUÊNCIA DIDÁTICA 6

INSTITUIÇÃO: Colégio Adventista Jardim Europa

DISCIPLINA: Português/Literatura

DATA: 10/2022

TEMA: Leitura individual por cada aluno de partes do conto: O embondeiro que sonhava pássaros e falar do que considera discriminação e preconceito racial.

OBJETIVO: Estudar o neologismo por meio de roda de conversas e absorver as impressões deles à respeito do conto.

CONTEÚDO: Trabalhamos a contribuição do conto para o processo de formação de leitores

PÚBLICO ALVO: Alunos das turmas do 8º e 9º ano da disciplina de Português / literatura. Aulas em salas de aulas distintas uma da outra.

NÚMERO DE ALUNOS: 37 alunos da turma do 8º ano e 32 alunos na turma do 9º ano.

TEMPO DE AULA: 50 minutos cada aula, sendo 2 aulas seguidas.

MATERIAIS: Texto com o conto, O embondeiro que sonhava pássaros.

DESENVOLVIMENTO: Conversas para tratarmos das impressões individuais que cada aluno teve do conto O embondeiro que pensava pássaros, ouvimos um colega após o outro, momento em que percebi que deveria me voltar para tratar de explicar melhor o que vem a ser palavras diferentes e novas em relação ao sentidos e no cotidiano da vida em sociedade.

AVALIAÇÕES: As avaliações foram realizadas por meio de atividades de pesquisas em sala de aula e em casa, leitura e explicação em sala de aula, comportamento e participação nas leituras e nas aulas.

DATA: 10/2022

SEQUÊNCIA DIDÁTICA 7

INSTITUIÇÃO: Colégio Adventista Jardim Europa

DISCIPLINA: Português/Literatura

DATA: 10/2022

TEMA: Trabalhar com assuntos e pontos do cotidiano relacionados com discriminação e preconceito racial.

OBJETIVO: Capacitar os alunos a participarem de forma coerente de assuntos que possam envolver assuntos correlatos com o tema racial.

CONTEÚDO: Conto “O embondeiro que sonhava pássaros”.

PÚBLICO ALVO: Alunos das turmas do 8º e 9º ano da disciplina de Português/literatura. Aulas em salas de aulas distintas uma da outra.

NÚMERO DE ALUNOS: 37 alunos da turma do 8º ano e 32 alunos na turma do 9º ano.

TEMPO DE AULA: 50 minutos cada aula, sendo 2 aulas seguidas.

MATERIAIS:

DESENVOLVIMENTO

Dividi o número de alunos da sala em grupo para fazerem uma exposição do que observaram e perceberam como a discriminação e o preconceito racial são desenvolvidos em seus bairros e cidade.

AVALIAÇÕES: Na própria sala de aula durante as exposições conforme suas críticas, pontos de vista e oratórias relacionadas ao tema.

DATA: 10/2022

SEQUÊNCIA DIDÁTICA 8

INSTITUIÇÃO: Colégio Adventista Jardim Europa

DISCIPLINA: Português/Literatura

DATA: 10/2022

TEMA: Leitura do Conto “O embomdeiro que sonhava pássaros” e debates sobre a discriminação e o preconceito racial nas novelas. Aplicação do 2º questionário.

OBJETIVO: Despertar o perigo da naturalização da discriminação e do Preconceito racial por meio das mídias e novelas produzidas no Brasil. Por meio das respostas assinaladas no questionário aferir a eficiência do projeto de formação de leitores com os contos do autor Mia Couto tratando de discriminação e preconceito racial.

CONTEÚDO: A discriminação por meio das mídias no Brasil

PÚBLICOALVO: Alunos das turmas do 8º e 9º ano da disciplina de Português/literatura. Aulas em salas de aulas distintas uma da outra.

NÚMERO DE ALUNOS: 37alunos da turma do 8º ano e 32 alunos na turma do 9ºano.

TEMPO DE AULA: 50 mincada aula, sendo 2 aulas seguidas.

MATERIAIS: O conto “Sidney Potier na barbearia de FeripeBeruberu”

DESENVOLVIMENTO

Euprofessora lendo a maior parte do conto e deixanda a maior parte das aulas para que

os alunos fizessem uma roda de conversasse deixei claro que a atividade proposta de escrita das cartas para o autor Mia Couto deveria conter a forma de elogios, opinião sobre os contos ou mudança do final conto “O embondeiro que sonhava pássaros”

AVALIAÇÕES: As avaliações ocorreram com a participação e indagação crítica.

DATA: 10/2022

SEQUÊNCIA DIDÁTICA 9

INSTITUIÇÃO: Colégio Adventista Jardim Europa

DISCIPLINA: Português/Literatura

DATA: 10/2022

TEMA: Rodade conversas. Comocada um pode agir para diminuir ou mesmo erradicar a discriminação na sociedade

OBJETIVO: Iniciar e estimular a escrita com críticas pessoais e construtivas

CONTEÚDO: Caderno, caneta e um texto do gênero conto trabalhado em sala.

PÚBLICO ALVO: Alunos das turmas do 8º e 9º ano da disciplina de Português/literatura. Aulas em salas de aulas distintas uma da outra.

NÚMERO DE ALUNOS: 37 alunos da turma do 8º ano e 32 alunos na turma do 9ºano.

TEMPO DE AULA: 50 mincada aula, sendo 2 aulas seguidas.

MATERIAIS:

DESENVOLVIMENTO

Após uma brevíssima aula fazendo um resumo de todas as aulas pedi para que todos e de forma individual fizessem uma crítica sobre a discriminação e o preconceito racial e em seguida propôs-se uma solução

AVALIAÇÕES: Nesta aula não fiz uma avaliação para não bloquear suas opiniões.

DATA: 10/2022

SEQUÊNCIA DIDÁTICA 10

INSTITUIÇÃO: Colégio Adventista Jardim Europa

DISCIPLINA: Português/Literatura

DATA : 10/2022

TEMA: Leitura e análise das cartas endereçadas ao autor Mia Couto

OBJETIVO: Fazer uma discussão e em seguida um debate sobre os dois contos lidos e estudados na disciplina de Português/literatura com o processo de Formação de leitores relacionado com as próprias análises das cartas escritas ao autor Mia Couto.

CONTEÚDO: Análises das cartas escritas pelos próprios alunos e endereçadas ao autor Mia Couto e suas relações com os contos e o autor.

PÚBLICO ALVO: Alunos das turmas do 8º e 9º ano da disciplina de Português/literatura. Aulas em salas de aulas distintas uma da outra.

NÚMERO DE ALUNOS: 37 alunos da turma do 8º ano e 32 alunos na turma do 9º ano.

TEMPO DE AULA: 50 minutos cada aula, sendo 2 aulas seguidas.

MATERIAIS: As cartas escritas pelos próprios alunos e endereçadas ao autor Mia Couto

DESENVOLVIMENTO

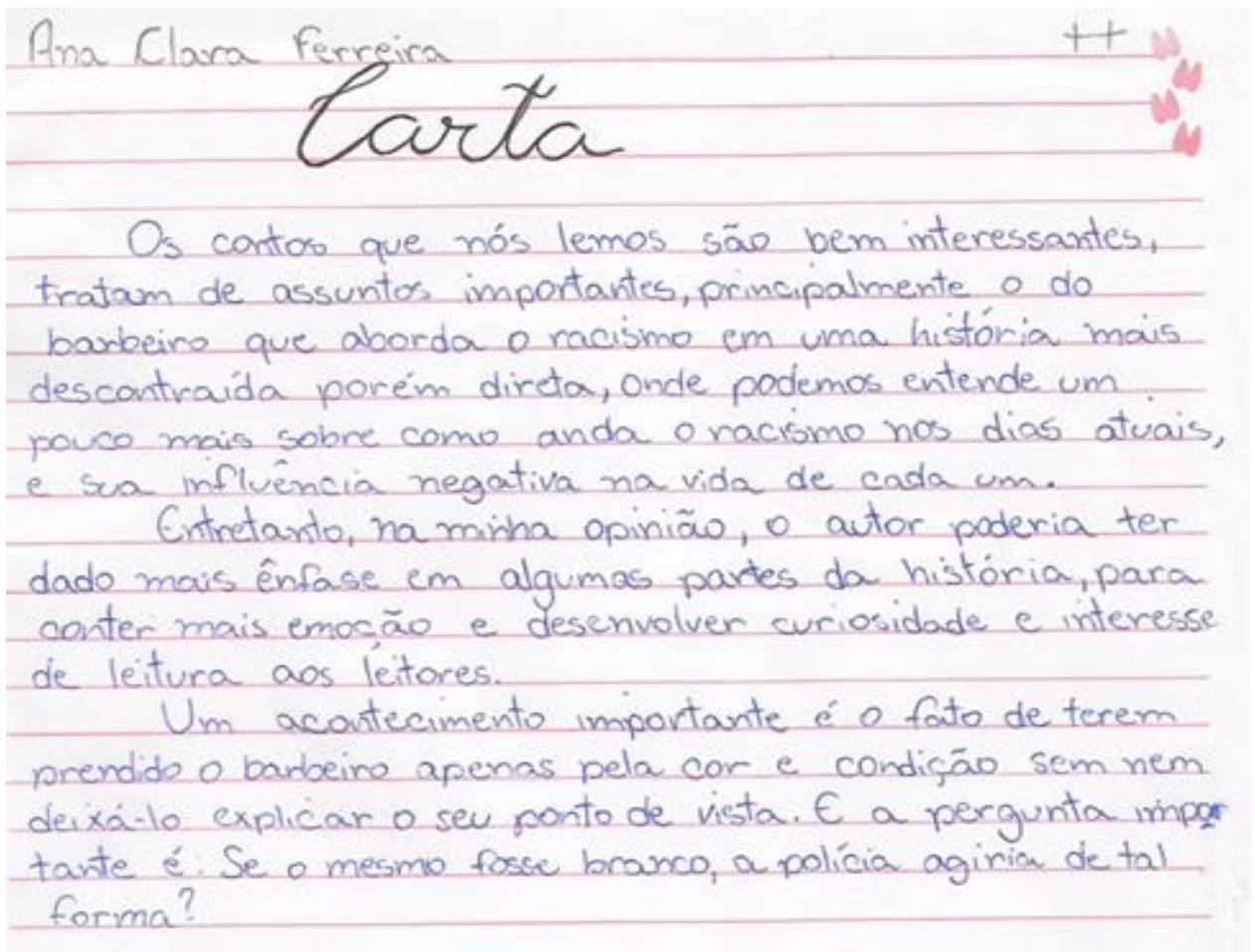
Cada aluno lendo sua carta endereçada ao autor Mia Couto e defendendo sua ideia relacionada à discriminação e preconceito racial ressaltando a importância deste tema e o Processo de formação de Leitores para seu desenvolvimento e prática de leitura literária.

AVALIAÇÕES: As avaliações ocorreram com a participação e indagação crítica.

DATA: 10/2022

PRODUÇÕES DOS ALUNOS: CARTAS E OUTROS TEXTOS

CARTA 01; Aluna: Ana Clara Ferreira



Transcrição da carta

Os contos que nós lemos são bem interessantes, tratam de assuntos importantes, principalmente o do barbeiro que aborda o racismo em uma história mais descontraída, porém direta, onde podemos entender um pouco mais sobre como anda o racismo nos dias atuais, e sua influência negativa na vida de cada um.

Entretanto, na minha opinião, o autor poderia ter dado mais ênfase em algumas partes da história, para conter mais emoção e desenvolver curiosidade e interesse de leitura aos leitores.

Um acontecimento importante é o fato de terem prendido apenas pela cor e condição sem ne, deixá-lo explicar o seu ponto de vista. E a pergunta importante é: Se o mesmo fosse branco, a polícia agiria de tal forma?

Comentário

A aluna mostrou bem o sentido da aula de literatura e o tema tratado, como podemos entender ela destacou em suas primeiras linhas da escrita ao autor Mía Couto a importância da literatura, do conto, da temática abordada, os personagens e sua relação direta na sociedade ao poder influenciar de forma negativa pessoas, deixou ainda sua opinião com ênfase em que poderia sob seu ponto de vista incentivar e estimular ainda mais a leitura do conto. A aluna mostrou também uma melhora no desenvolvimento da escrita ao absorver a leitura de literatura conto e assinalado saber conceituar a literatura.

CARTA 02 Aluna: Thayslla Moura

Querido Mia Couto, tive a oportunidade de ler dos seus contos e fiquei encantada, não vejo nenhum motivo para dizer que não gostei são contos maravilhosos amei cada um deles e com certeza irei ler mais, sempre gostei de ler mais tinha parado, mais seus (livos) contos me trouxeram de novo esse conto. Continue assim escrevendo esses contos maravilhosos, que Deus esteja abençoando essa sua jornada, te dando sabedoria para que você possa continuar escrevendo esses contos e livros maravilhosos.

Abraços,
Thayslla
Moura.

Transcrição da carta

Querido Mia Couto, tive a oportunidade de ler dos seus contos e fiquei encantada, não vejo nenhum motivo para dizer que não gostei são contos maravilhosos amei cada um deles e com certeza irei ler mais, sempre gostei de ler mais tinha parado, mais seus (livo) contos me trouxeram de novo esse conto. Continue assim escrevendo esses contos maravilhosos, que Deus esteja abençoando essa sua jornada, te dando sabedoria para que você possa continuar escrevendo esses contos e livros Maravilhosos.

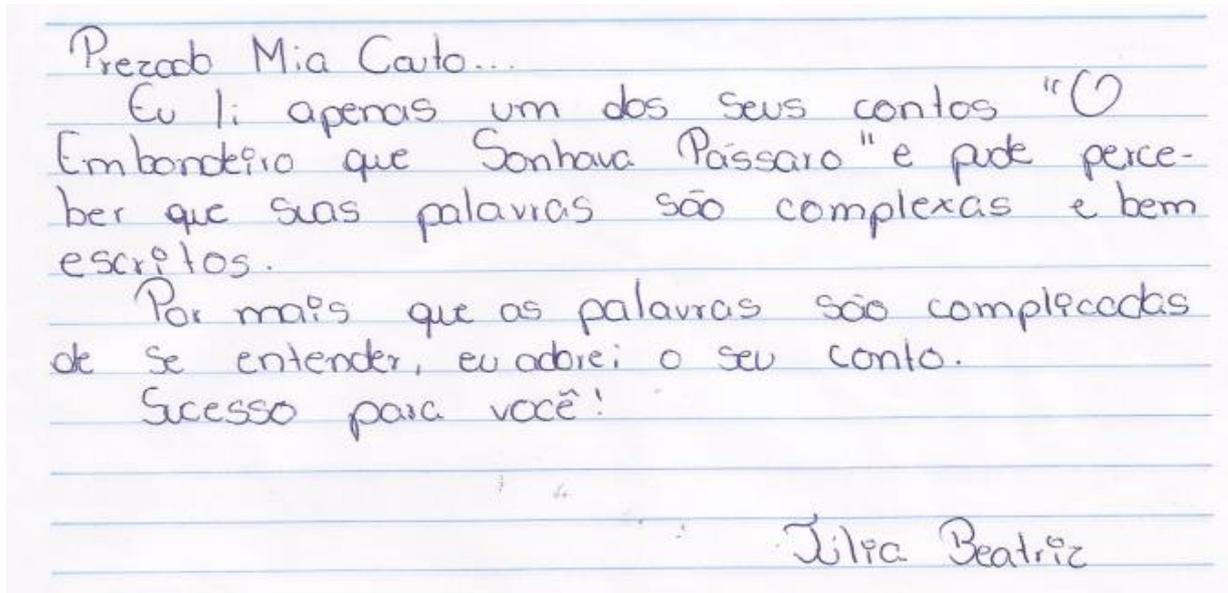
Abraços

Thayslla Moura

Comentário

A aluna fez o que foi designado mostrando que as aulas de literatura com contos foram importantes para a leitura e a escrita, como também, abordando temas da sociedade, discriminação e preconceito racial. A aluna salientou em alto relevo que gosta e quer, mas, por motivos alheios havia parado de ler e com as aulas de contos voltou a se entusiasmar com a leitura e voltará à prática da leitura.

CARTA 03 Aluna: Júlia Beatriz



Transcrição da carta

Prezado Mia Couto ...

Eu li apenas um dos seus contos "O Embondeiro que Sonhava Pássaro" e pude perceber que suas palavras São complexas e bem escritos.

Por mais que as palavras São complicadas de se entender, eu adorei; o Seu Conto.

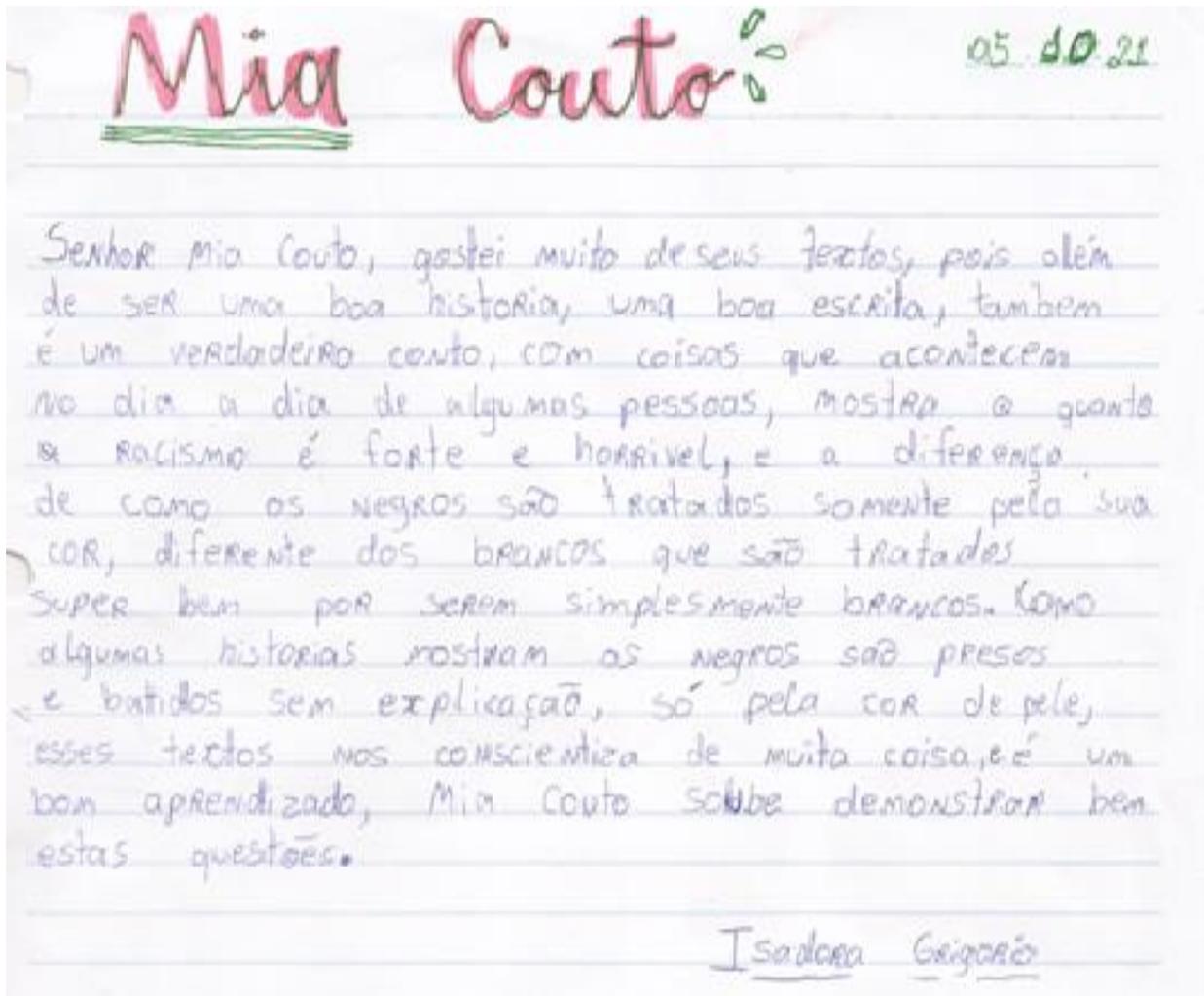
Sucesso para você!

Júlia Beatriz

Comentário

A aluna conseguiu resumir e sintetizar o que a obra de Mia Couto lhe causou e passou a lhe significar, disse que as palavras são complexas, mas, que são também bem escritas.

CARTA 04; Aluna: Isadora Grégoro



Transcrição

Mia Couto

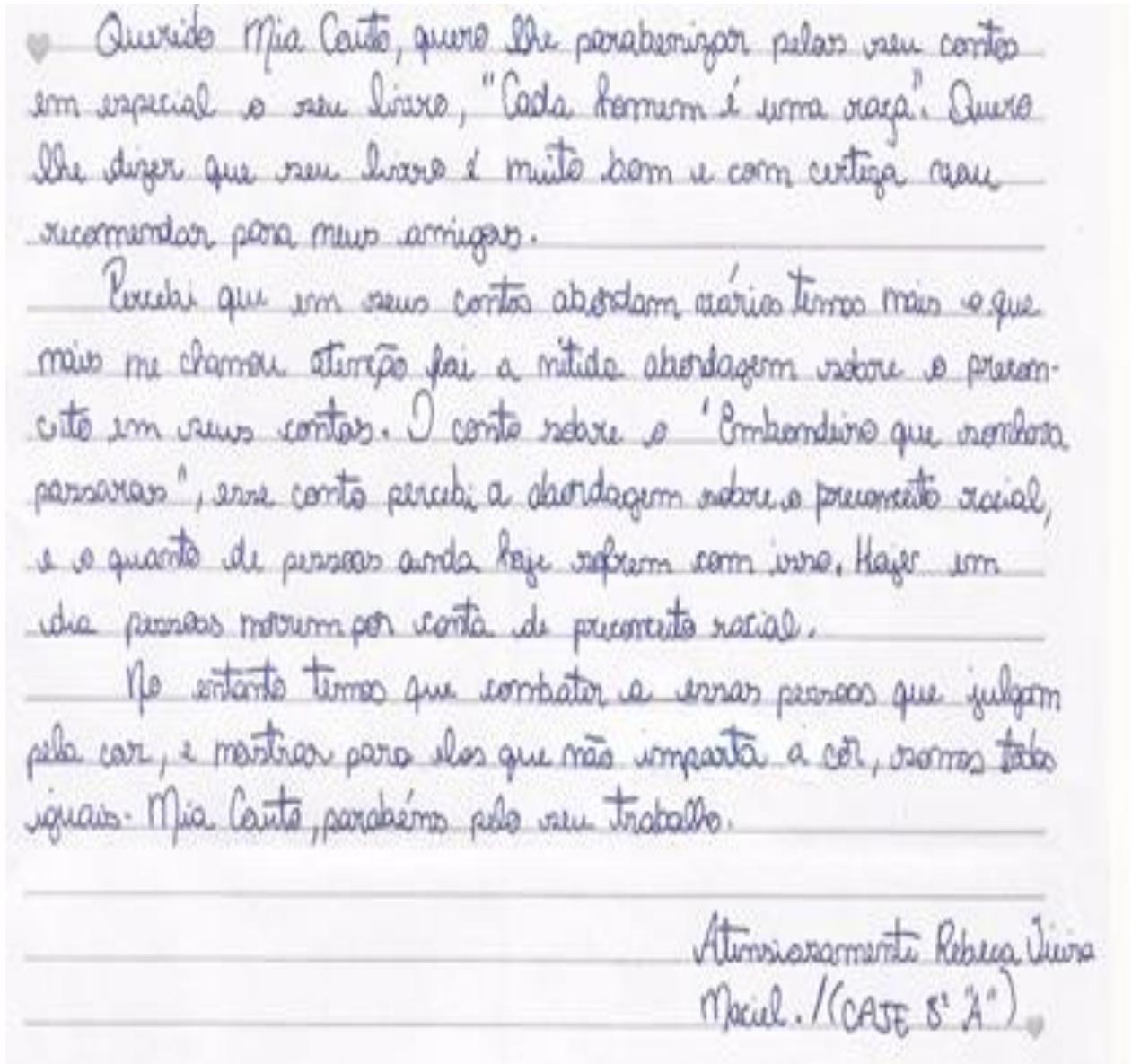
Senhor Mia Couto, gostei muito de seus textos, pois além de ser uma boa história, uma boa escrita, também é um verdadeiro conto, com coisas que acontecem no dia a dia de algumas pessoas, mostra o quanto o Racismo é forte e horrível, e a diferença de como os Negros são tratados somente pela a sua cor, diferente dos brancos que são tratados Super bem por serem simplesmente brancos. Como algumas histórias mostram os negros são presos e batidos Sem explicação, Só pela cor de pele, esses textos nos conscientiza de muita coisa é um bom aprendizado, Mia Couto soube demonstrar bem estas questões.

Isadora Grégoro

Comentário

A aluna conseguiu apreender o que a obra de Mia Couto transmite, em forma de história, e com um bom desenvolvimento da escrita, disse ser um tema real e que acontece no cotidiano das pessoas negras, fato este produzidos por pessoas brancas,.

CARTA 05; Aluna: Rebeca Vieira Maciel



Transcrição da carta

Querido Mia Couto, quero lhe parabenizar pelos seus contos em especial o seu livro, "Cada homem é uma raça". Quero lhe dizer que seu livro é muito bom e com certeza vou recomendar para meus amigos.

Percebi que em seus contos abordam vários temas mais o que mais me chamou atenção foi a nítida abordagem sobre o preconceito em seus contos. O conto sobre o "Embondeiro que sonhava passaras", esse conto percebi a abordagem sobre o preconceito racial, e o quanto de pessoas ainda hoje sofrem com isso. Hoje em dia pessoas morrem por conta de preconceito racial.

No entanto temos que combater a essas pessoas que julgam pela cor, e mostrar para eles que não importa a cor, somos todos iguais. Mia Couto, parabéns pelo seu trabalho.

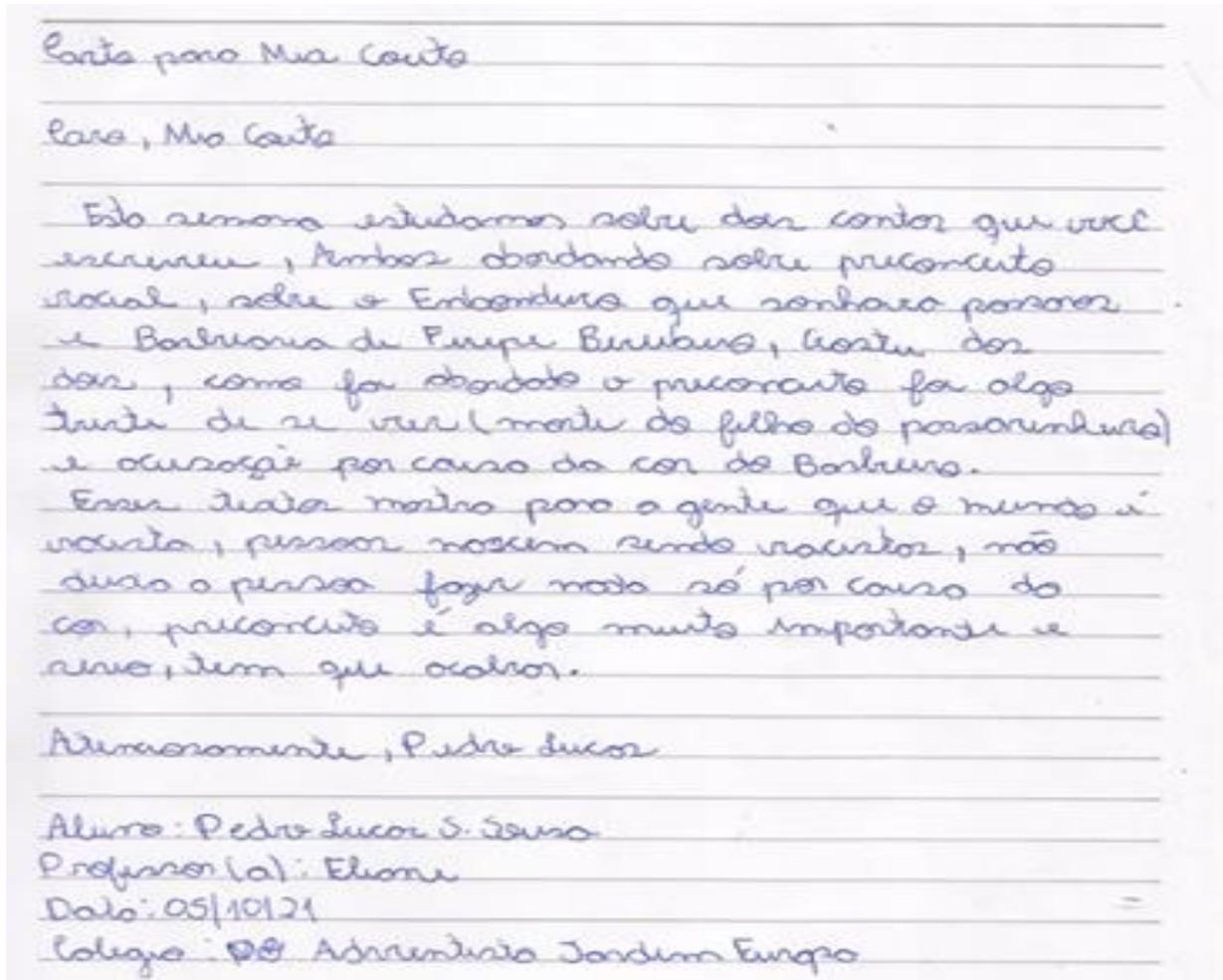
Atenciosamente Rebeca Vieira

Aluna: Rebeca Vieira Maciel. / (CAJE 8º ‘A’)

Comentário

A aluna mostrou por meio de sua escrita na carta endereçada ao autor Mia Couto que a prática da leitura pode transformar muitas sociedades, a garota gostou tanto dos contos de Mia Couto que além de parabeniza-lo ainda disse de forma espontânea que pode indicar para seus colegas e amigos. A aluna atingiu nossos objetivos na disciplina português/literatura trabalhando com o processo de formação de leitores e mediação literária. Ao observar sua escrita na carta abaixo podemos perceber que a prática da leitura pode mudar o mundo e ampliar os conhecimentos das pessoas.

CARTA 06; Aluno: Pedro Lucas S. Sousa



Transcrição da carta

Carta para Mia Couto

Caro, Mia Couto

Esta semana estudamos sobre dois contos que você escreveu, ambos abordando sobre preconceito racial, sobre o Embondeiro que sonhava pássaros e Barbearia de Feripe Beruaeiro, gostei dos dois, como foi abordado o preconceito foi algo triste de se ver (morte do filho do passarinho) e acusação por causa da cor do Barbeiro.

Esses textos mostram para a gente que o mundo é racista, pessoas nascem sendo racistas, não deixa a pessoa fazer nada só por causa da cor, preconceito é algo muito importante e sério, tem que acabar.

Atenciosamente, Pedro Lucas
 Aluno: Pedro Lucas S. Sousa
 Professor (a): Eliane

Data: 05/10/21

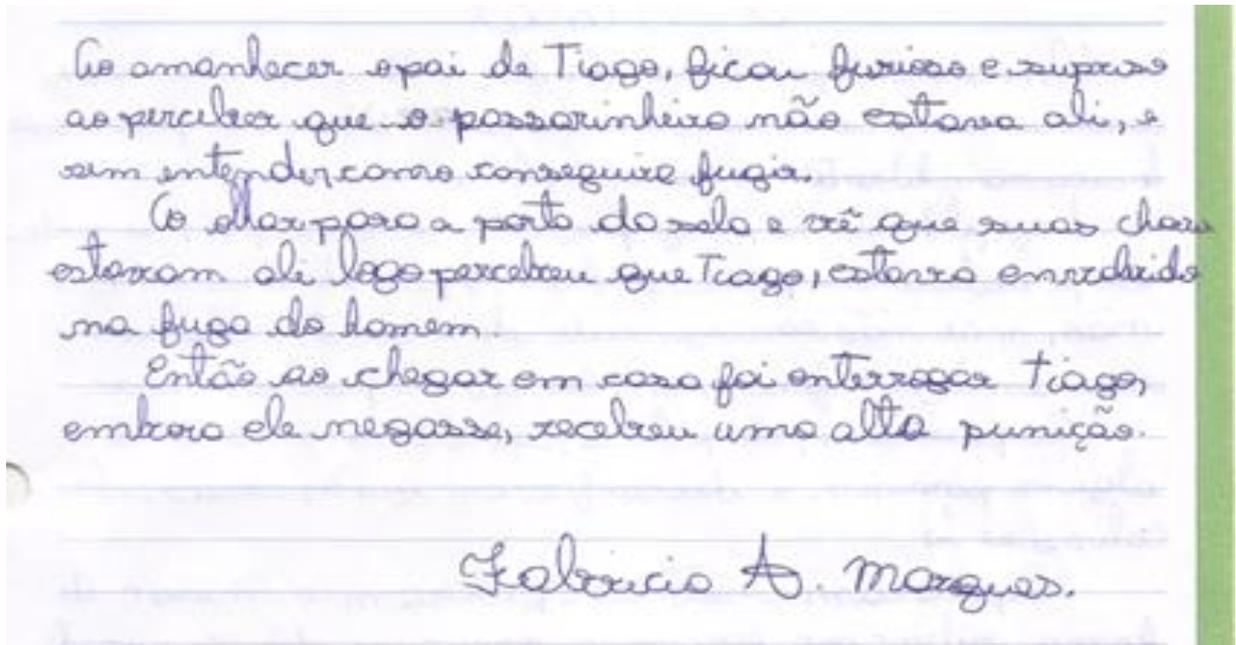
Colégio: Adventista Jardim Europa

Comentários sobre a atividade do aluno, Pedro Lucas Sousa :

O aluno mostrou um bom desenvolvimento de leitura, compreensão e uma escrita clara e objetiva, indo direto ao ponto e não desprezando a reflexão diante da sociedade que nos cerca.

OUTRAS PRODUÇÕES DOS ALUNOS

TEXTO 01



Aluno: Fabrício A. Marques.

Transcrição do texto

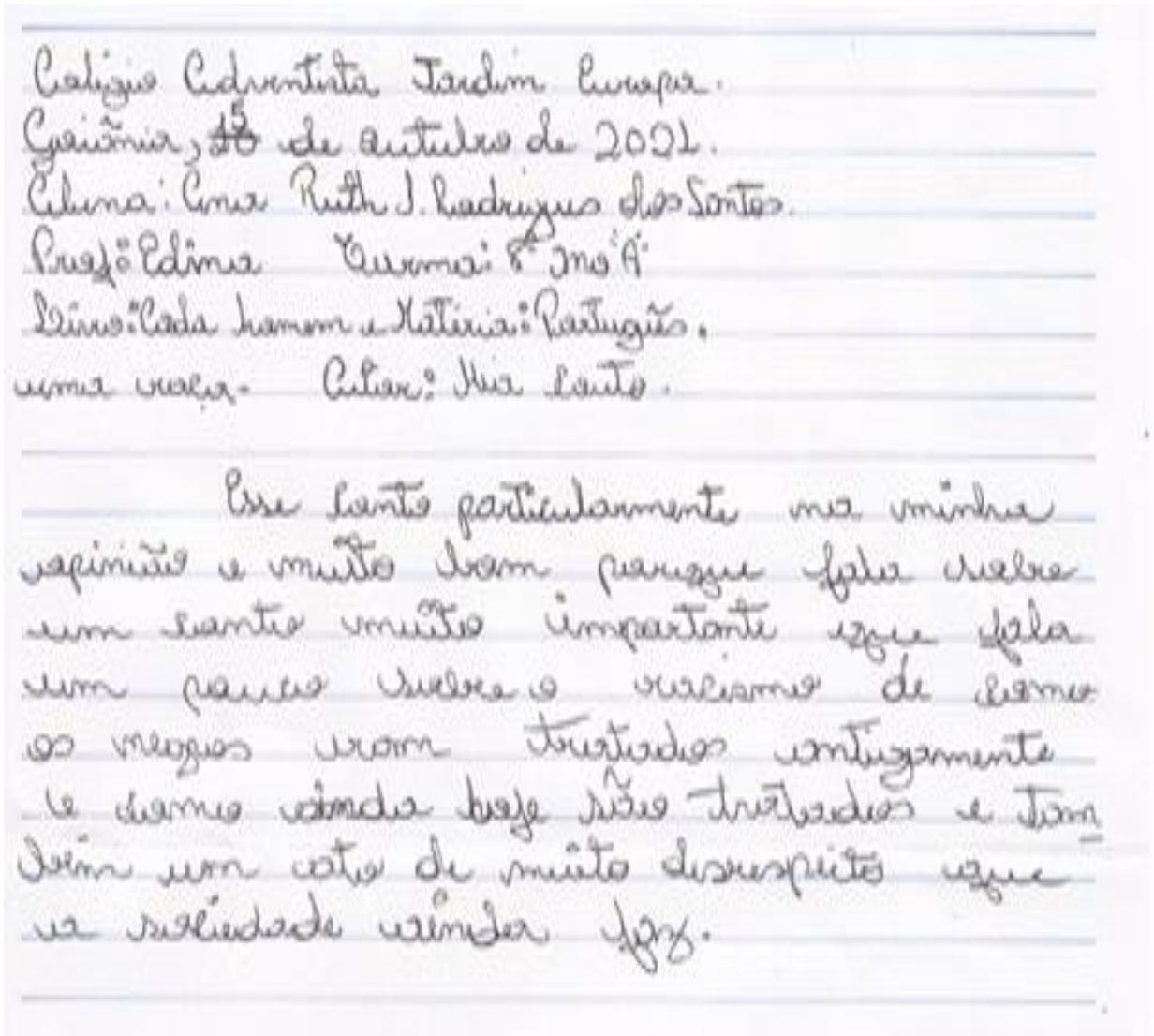
Ao amanhecer o pai de Tiago, ficou furioso e surpreso ao perceber que o passarinho não estava ali, e sem entender como conseguira fugir.

Ao olhar para a porta da sala e vê que suas chaves estavam ali logo percebeu que Tiago, estava envolvido na fuga do homem.

Então ao chegar em casa foi interrogar Tiago, embora ele negasse, recebeu uma alta punição.

Fabrício A. Marques.

TEXTO 02



Aluna; Ana Ruth I. Rodrigues dos Santos.

Transcrição do texto

Colégio Adventista Jardim Europa.

Goiânia, 15 de outubro de 2021.

Aluna; Ana Ruth I. Rodrigues dos Santos.

Professora: Eliane Turma: 8º ano "A"

Livro: "Cada homem e

Uma raça. Autor: Mia Couto

Esse conto particularmente na minha

opinião é muito bom porque fala sobre um conto muito importante que fala um pouco sobre o racismo de como os negros eram tratados antigamente e como ainda hoje são tratados e também um ato de muito desrespeito que a sociedade ainda faz.

8. REFERÊNCIAS

CABAÇO, José Luís. **Moçambique**. São Paulo: Editora Unesp, 2009.

COUTO, Mia. **Cada homem é uma raça**. São Paulo: Companhia das letras, 2000.

SAID, Edward. **Mia Couto: intelectual moçambicano**. Disponível em: https://www2.dbd.puc-rio.br/pergamum/tesesabertas/1012045_2012_cap_3.pdf. Acesso em: 29 maio 2021.